

ROSANA PINTO PLASA SILVA & CARLOS ROBERTO DE CARVALHO

rosana\_plasa@yahoo.com; carlosbeto.carvalho@gmail.com

UNEB/BR / INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, UFRJ

## CECÍLIA MEIRELES: A POETISA- JORNALISTA NA DEFESA E PRÁTICA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

### RESUMO

Este artigo objetiva realizar uma reflexão sobre a importância que as crônicas de educação, escritas e publicadas pela poetisa-jornalista Cecília Meireles, no período de 1930 a 1932, na *Página de Educação* do *Jornal Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, tiveram para firmar o compromisso da escritora com os princípios da democracia e da cidadania. O estudo, sob a ótica polifônica, considera que tais ideias propagadas via crônicas resultam de um processo de comunicação interativa. Para a análise, foram selecionados alguns textos do livro *Cecília Meireles – Crônicas de educação 1*, organizado por Leodegário Amarante de Azevedo Filho. Na obra, as crônicas dividem-se em dois núcleos temáticos abrangentes, dos quais, visando à análise desses textos cecilianos, selecionaram-se dois assuntos: “liberdade”, inserido no primeiro núcleo, e “infância”, no segundo. Como referencial teórico, tomou-se por base a discussão empreendida por Mikhail Bakhtin sobre linguagem, dialogismo e polifonia. Este estudo possibilitou acompanhar o entrelaçamento, sem reservas, da escritora com o seu leitor no qual, por meio de um estabelecimento de fronteira de campo de visão, semelhante ao que ocorria em uma ágora grega, eles puderam refletir criticamente as questões que envolviam a educação no Brasil e no mundo. Dessa forma, neste trabalho, pôde-se compreender como Cecília Meireles, por meio de suas crônicas, consolidou o compromisso com os princípios democráticos e cidadãos, valorizando a educação no sentido amplo, ou seja, voltada para uma formação fraterna e solidária.

### PALAVRAS-CHAVE

Polifonia; educação; democracia e cidadania

## INTRODUÇÃO

No período de 1930 a 1933, a poetisa-jornalista Cecília Meireles escreveu crônicas de natureza polifônica, publicadas na Página de Educação, do jornal *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, que consolidaram o seu compromisso com os princípios da democracia e da cidadania. A seção do jornal, Página de Educação, dirigida pela própria Cecília Meireles, funcionou nos moldes de uma *Ágora* grega, pois, nesse espaço, a escritora, por meio da palavra – “arena em miniatura” (Bakhtin, 2002a, p. 66) – expressava a sua visão da realidade educacional no Brasil que importava a ela e ao seu público leitor, assim como também tecia, junto a outros intelectuais, uma rede de discussões sobre o tema educação.

Neste estudo, sob a ótica polifônica, considera-se que as ideias cecilianas, propagadas via crônicas, eram um resultado do processo de comunicação interativa em que a pensadora da educação se via e se reconhecia através do outro, na imagem que este fazia dela e que a própria Cecília fazia de si mesma enquanto educadora. Cecília Meireles assumia, nesse diálogo de essência polifônica, a vontade de combinar muitas vontades (Bakhtin, 2002b, p. 21), a dela e a do seu outro, ou seja, a vontade de que essa interação de múltiplas vozes levasse a um acontecimento: o de suas ideias sobre o tema educação conviverem e dialogarem em pé de igualdade com as dos seus interlocutores. A jornalista, na direção da seção desse jornal, dotou-se, portanto, de um ativismo especial, pois regia vozes, deixando que estas se manifestassem com autonomia nas entrevistas, nos espaços oferecidos a elas para a publicação de artigos.

No trabalho, foram tomadas por base algumas crônicas cecilianas, compiladas por Leodegário Amarante de Azevedo Filho no Volume 1, assim como leituras de textos que pudessem favorecer o estudo de natureza polifônica das ideias pedagógicas da poetisa-jornalista. Elegeu-se, então, como referência principal, a discussão empreendida por Mikhail Bakhtin sobre dialogismo e polifonia para se compreender como Cecília Meireles, ao (re) construir seus princípios pedagógicos a partir de outras vozes, colaborou com a conscientização cidadã dos seus leitores no que diz respeito, principalmente, à democratização de acesso à educação.

Para a exposição do estudo, o artigo adotará a seguinte estrutura: preliminarmente, far-se-á uma reflexão sobre a crônica ceciliana enquanto texto publicado no jornal, um veículo de divulgação, defesa e discussão de ideias; em um segundo momento, à luz das teorias de Mikhail Bakhtin, tomar-se-ão dois temas abordados por Cecília Meireles nas crônicas de educação, *liberdade e infância*, objetivando demonstrar como o espaço-tempo

Página de Educação, do jornal *Diário de Notícias*, de 1930 a 1932, se transforma em palco de exposição e defesa de uma educação que está comprometida com os princípios da democracia e cidadania; e, por último, apresentar-se-ão as considerações finais acerca da reflexão realizada.

### A CRÔNICA CECILIANA NOS ANOS 30: UMA PROSA POÉTICA

A escritora Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu em primeiro de novembro de 1901, na Tijuca, bairro da cidade do Rio de Janeiro. Era filha de Carlos Alberto de Carvalho Meireles, funcionário do Banco do Brasil, e de Matilde Benevides Meireles, professora municipal. A poetisa foi criada pela avó materna, a açoriana Jacinta Garcia Benevides, já que, um pouco antes de nascer, a menina Cecília perdera o pai e, perto de completar três anos, a mãe. Detentora de um conhecimento singular, após se formar pela Escola Normal, ingressou no magistério público aos 17 anos e casou-se, aos vinte anos, com o artista plástico português Fernando Correia Dias, que morreu em 1935. Ressalta-se que os seus textos literários, dedicados aos adultos e ao público infanto-juvenil, trouxeram para ela consagração em outros países, dentre os quais merece ênfase Portugal. Em sua passagem pelo país, surpreendeu os portugueses ao publicar, em vários números da revista *Ocidente*, entre 1938 e 1940, suas memórias infantis que se transformaram mais tarde na obra *Olhinhos de gato* (Neves, 2001, pp. 23-39). Após a viuvez, em 1940, casou-se com o engenheiro agrônomo Heitor Vinícius da Silveira Grilo, com quem viveu até 1964, ano em que a escritora faleceu.

Na década de 30, a poetisa-educadora, na função de jornalista, pôde refletir, por meio de crônicas de sua autoria, sobre os problemas e demandas da educação no Brasil no *Diário de Notícias*. Este foi fundado 12 de junho de 1930, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, pelos jornalistas Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel (Lamego, 1996). Na Página de Educação, seção especializada desse jornal, Cecília publicava diariamente matérias jornalísticas dedicadas totalmente à educação, onde havia uma coluna situada no canto esquerdo dessa Página intitulada “Commentario”, parte equivalente a um editorial na qual Cecília Meireles escrevia e assinava crônicas sobre diferentes temas, envolvendo principalmente a educação. A sua prosa era “uma espécie de ‘Oficina’ de verdadeiras experiências de reflexão e coragem sobre o momento educacional vivido nos anos trinta” (Lôbo, 2005, p. 64).

Cecília Meireles, enquanto ser múltiplo, poetisa, educadora, jornalista, possuidora de uma atuação pública firme, admirável, polêmica,

utilizou-se da crônica para cumprir a função de apresentar um simples relato dos acontecimentos diários relacionados ao tema educação e atribuir a esse gênero qualidades literárias. Isso pode ser observado na abordagem de temas que não sofreram a inexorável ação do tempo, não se tornando, dessa forma, obsoletos, senis. Esse caráter ambíguo da crônica (Moisés, 1978), o de ficar entre o acontecimento (o “não-eu”) e o lirismo (o “eu”), levou a cronista a buscar um equilíbrio interno, preservando a sua identidade, de tal modo que os seus textos não resultaram em simples reportagem. Cecília Meireles, enquanto poetisa-jornalista, expressava a sua visão da realidade educacional no Brasil que importava a ela e ao seu público leitor. Isso lhe permitiu prender-se aos acontecimentos relacionados aos problemas e demandas da educação no país sem perder a sensibilidade diante de um fato que não era apenas relatado, mas também refletido, via um monólogo e diálogo simultâneos com o leitor, mantendo-se, nesse jogo inquieto com outro, em busca de condições básicas de educação no Brasil que não discriminassem quem deveria ou não ter acesso à educação de qualidade:

e tenhamos o cuidado de não fazer sofrer as crianças mais pobres (...) envergonhando-as por não poderem tomar parte nas festas, porque lhes faltam os acessórios necessários, e fazendo-as assistir à vanglória dos mais favorecidos que aparecem (...) muito em desacordo, talvez, com a situação que ocupam na classe... (Filho, 2001, pp. 136-137)

Nessa passagem da crônica “Férias”, publicada no *Diário de Notícias*, em 21 de junho de 1930, Cecília Meireles, ao tratar das festas realizadas pelas escolas no final do ano letivo, questiona a real importância que tais comemorações apresentavam para a formação do aluno, para o próprio ambiente doméstico, visto que tais eventos nem sempre estavam adequados pedagogicamente à infância, assim como não favoreciam o respeito às crianças mais humildes cujas famílias não podiam sustentar os acessórios exigidos para que se apresentassem nas festas. Na defesa de uma atitude cuidadosa para com a criança mais humilde, nota-se que a escritora não queria apenas publicar acontecimentos. Pela forma como se relaciona com o leitor – uma conversa, um aconselhamento, a escritora deixa revelar a sua preocupação com a manutenção de um diálogo autêntico, isto é, um debate sobre o respeito às diferenças que promovesse reflexão, mudança de rumo, objetivando uma formação cidadã.

Ao assumir tal posição, Cecília Meireles não se mostrava taxativa com o seu interlocutor, dogmática, nem impunha a ele compaixão, embora, em alguns momentos, ela pudesse padecer com alguns posicionamentos

que viessem a comprometer a defesa de uma educação democrática, cidadã. Antes de toda dor, porém, interessava à escritora-jornalista criar uma atmosfera que deixasse o outro à vontade para argumentar e contra-argumentar, porque era isso que Cecília Meireles desejava também para ela mesma: se expressar, questionar, refletir, propor e contrapor, colocar-se à escuta do ser mais do que sofrer. Para criar um ambiente favorável a essa construção polifônica do discurso, Cecília Meireles mostrava-se despojada no uso da linguagem, explorando uma forma de expressão que ia da formalidade à informalidade, própria de um bate-papo, da oralidade. Na crônica “Férias”, evidencia-se o uso desse estilo mais solto, simples de linguagem quando a escritora explora perguntas, interlocuções por meio de um monodialogo, para refletir sobre os eventos organizados, nas escolas, no fim do ano:

as representações foram praticadas durante o ano inteiro como forma de expressão natural de conhecimentos que se iam adquirindo (...) ? Ou, repentinamente, no fim do ano? (...) Organizemos pedagogicamente as festas: não sacrifiquemos a criança. (...) Não concorramos para estimular a vaidade dos parentes, desorientando-os, também na concepção do ideal de educar. (Filho, 2001, p. 136)

Tais características, realçadas no monodialogo dos textos cecilianos, repercutem todo o hibridismo do gênero textual crônica: um estilo direto, espontâneo, jornalístico, de apreensão imediata, sem deixar de tirar proveito de recursos polissêmicos (ironia, metáfora) que identificam as obras literárias. Ela estava presa ao acontecimento, assumindo a função de jornalista, mas não a de uma simples repórter. O seu estilo simples, direto e ao mesmo tempo poético, somado à abordagem atemporal dos temas do cotidiano, atrai o leitor para a sua *Ágora* grega, a arena em miniatura: a Página de Educação, do jornal *Diário de Notícias*. Assim, ainda que publicadas no jornal, as discussões diárias – o seu pão de cada dia, o seu prato diário que sustentava a Página – não se caracterizavam como efêmeras, mas, por representarem uma análise, elas transcendiam. Nos fragmentos abaixo, retirados da crônica “Questões de liberdade”, de 6 de maio de 1931, lê-se:

veio o Sr. Francisco de Campos com o seu feixe de reformas na mão. E, em cada feixe, pontudos espinhos de taxas. (...) E esperávamos uma reforma de finalidades, de ideologia, de democratização máxima de ensino, de escola única, - todas essas coisas que a gente precisa conhecer e amar, antes de ser ministro da educação...

Depois, veio o decretozinho do ensino religioso. Um decretozinho provinciano, para agradar a alguns curas, e atrair algumas ovelhas... (Filho, 2001, p. 24)

Nessa passagem, ao tecer críticas à Reforma Francisco Campos, estruturada, em 1931, pelo próprio Francisco de Campos, Ministro da Educação e Saúde no Governo Provisório de Getúlio Vargas, Cecília Meireles explora, por extensão, a palavra *feixe* que aparece significando metaforicamente uma série de modificações na educação. A Reforma restringiu-se aos ensinos secundário, comercial (ensino médio profissionalizante) e superior, os mais procurados pela elite, não contemplando o ensino primário e o ensino normal que continuaram da alçada do Estado. Tal situação, representada pela imagem “pontudos espinhos de taxa”, desagradou à poetisa-cronista e a outras pessoas que objetivavam uma “democratização máxima do ensino”, de uma “escola única”, considerando então necessária uma reformulação do ensino primário e do ensino normal. Por isso ela desfere críticas ao Ministro da Educação e Saúde, Francisco de Campo, julgando-o como representante não apropriado para o cargo de tamanha importância.

Observa-se também a presença de reticências após “ministro da educação” e “algumas ovelhas” que, empregadas pela escritora, não traduzem propriamente a sua hesitação, mas uma crítica mordaz às ações do ministro e dos religiosos, estes representados pelo termo “curas”, os párocos, enquanto os fiéis, metaforicamente, por “ovelhas”. Identifica-se ainda o uso do sufixo diminutivo *-inho* que não adquire nesse contexto sentido afetivo, mas sentido pejorativo, usado para ironizar a ação do mesmo ministro. Dessa forma, Cecília Meireles, ao mesmo tempo, desconsiderava o decreto e inclusive o próprio Ministro. A partir dessa desconstrução, elaborava e defendia, junto ao leitor, ideias pedagógicas mais comprometidas com uma educação cidadã, assim como levantava características mais apropriadas de outro perfil para assumir o cargo de Ministro da Educação: “todas essas coisas que a gente precisa conhecer e amar, antes de ser ministro da educação”. Soma-se aos recursos estilísticos a informalidade identificada no emprego do substantivo “gente”, para representar coloquialmente o pronome *nós*, aproximando cronista e leitor, e tornando-os cúmplices no que se refere à reflexão sobre o perfil ideal para um ministro da educação.

A relação de Cecília Meireles, enquanto diretora da Página de Educação, em diálogo ininterrupto com o seu leitor e deste com ela, representa uma maneira de eles se definirem na interlocução, depositando o reflexo de cada um na alma um do outro. A cada crônica, a jornalista-educadora esbarrava na confusão de princípios vários de avaliação que colaboravam

para que ela entendesse o contexto e a si mesma enquanto sujeito desse espaço, assim como possibilitava o mesmo para o seu leitor (Bakhtin, 2003).

## A DEFESA E PRÁTICA CECILIANAS DE UMA EDUCAÇÃO PARA A CIDADANIA

No início da década de 30, Cecília Meireles destaca-se, portanto, como jornalista engajada. Acompanhar e participar da discussão, no dia a dia, sobre as preocupações com a educação no Brasil, fez a escritora acreditar, em um primeiro momento, nas boas intenções de “educar o país” do então Governo Provisório de Getúlio Vargas, que assumiu a presidência em decorrência da Revolução de 30. Mas, justamente por acompanhar esse cenário diariamente, como diretora de uma página de jornal, foi percebendo aos poucos que tal proposta de renovação seria conduzida de forma autoritária e afastada das ideias democráticas: uma escola libertária, laica, sem discriminação de raça e gênero.

Defensora de uma política educacional que favorecesse a educação popular, a reorganização nacional dos diversos níveis de ensino, o direito à criança de ter uma educação integral que lhes facilitasse o acesso a outros níveis de ensino, independente de sua classe social, Cecília Meireles, assim como outros intelectuais de destaque, assinou o *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, publicado em 1932. Nesse documento, estabeleceram-se bases teóricas, diretrizes de uma política escolar que propunham novos ideais pedagógicos e sociais de base humanística, democrática, em diálogo com as transformações sociais e econômicas.

A obra *Cecília Meireles – crônica de educação 1*, tomada, neste texto, como material de análise para abordar a defesa e prática cecilianas de uma educação para cidadania, possibilitava e possibilita até hoje aos seus leitores vivenciar, junto com a poetisa-jornalista, discussões atemporais acerca de uma educação no Brasil, no início da década de 30, independente da unanimidade de opiniões, dos limites geográficos, de marcos temporais. A visão de Cecília Meireles refletia a crença em uma educação universal, livre, moderna, que reforçava o seu compromisso com os princípios de uma educação democrática e cidadã.

Na Página de Educação, a jornalista pôde fazer as suas digressões filosóficas e ideológicas, assim como se voltar para uma luta política que favorecesse a democratização da instrução e a formação cidadã. A educação para a escritora era aquela que defendia condições iguais a indivíduos de diferentes camadas sociais, espaços geográficos e que recuperava no ser humano qualidades como autonomia, espontaneidade, interesse pelo

conhecimento, pelo prazer de aprender sempre. Isso a conduziu a pensar a criança, a infância, tema bastante recorrente em suas crônicas de educação, como o espaço-tempo em que tais qualidades se dão, se reconhecem, se confirmam e se prolongam na fase adulta. Por isso a infância surge, em seus textos, como uma fase da vida que tem de ser bem cuidada, valorizada, para que o presente se concretize no futuro. A própria Cecília, em “Educação nacional”, de 29 de julho de 1930, diz:

todos os dias se repete que a criança é o futuro cidadão, e que a escola é o vestíbulo da vida. Mas não é bastante dizê-lo. Faz-se mister (...) agir todos os dias no sentido de dar uma realidade positiva a essas convicções subjetivas. (Filho, 2001, p. 143)

Em outra passagem dessa crônica, ela acrescenta: “Os donos, os responsáveis por esse futuro são os educadores de hoje. Depende de sua coesão, da sua orientação, da sua energia e do seu exemplo a transformação geral que se aguarda” (Filho, 2001, p. 144). Para Cecília Meireles, a responsabilidade por não fazer morrer na fase adulta o que se destacou na fase de criança (curiosidade insaciável, sinceridade, sonho, criatividade) seria dos educadores – família e escola. Ela defendia um melhoramento de todos os ambientes que agissem simultaneamente sobre a múltipla sensibilidade da criança e que esta não fosse considerada como um ser que não merecesse crédito, ou melhor, como a própria cronista afirma em “O mal de ter sido Criança”, de 22 de fevereiro de 1931, que a palavra criança não fosse “sinônima perfeita de peste, diabo, coisinha ruim” (Filho, 2001, p. 189). Em outra crônica, de novembro de 1930, ela já defendia que a criança deveria ser ouvida, tratada com respeito:

a criança não é um boneco (...). É uma criatura humana, com todas as forças e fraquezas, todas as possibilidades de evolução e involução inerentes à condição humana. Por isso mesmo são condenáveis todas as atitudes que a rebaixem, ou que lhes estorvem o seu normal desenvolvimento. (Filho, 2001, p. 163)

Ainda em relação ao tema infância, identifica-se nos textos cecilianos uma preocupação com a inabilidade dos pais em lidar com o contato dos filhos com outras crianças, principalmente quando estas não são do mesmo nível social. Para a escritora-jornalista, a falta de prudência dos pais, muitas vezes por instinto de defesa tão inerente à natureza humana, acabava desenvolvendo nos filhos preconceitos em relação a outras crianças,

levando-os a refletir “toda uma atmosfera familiar, inocentemente, com os vícios que a caracterizam e as qualidades que lhe são peculiares” (Filho, 2001, p. 185). Na mesma crônica, Cecília Meireles defendeu amplamente o respeito às diferenças, fator importante numa sociedade democrática:

o mal não está na infância. A criança é sempre uma vítima inocente. Também não está, propriamente, no adulto, que é uma resultante de vários fatores. Está nesses fatores. E só uma organização social que compreende com clareza o que é educação poderá transformar semelhante estado de coisas. Filho, 2001, p. 186

Verifica-se que, nesse diálogo com o leitor, a poetisa-educadora não quis apontar quem representava o bem e quem personificava o mal. Ao invés disso, julgou ser mais importante refletir, dialogar com o seu outro sobre o que estava servindo de obstáculo para o convívio em sociedade: “cada ideia é a ideia de alguém, situada em relação a uma voz que a carrega e a um horizonte que a visa” (Bakhtin, 2003, pp. XX-XXI). No lugar do absoluto, é encontrada uma multiplicidade de pontos de vista, de vezes, sem privilégios nem hierarquias; portanto, a cronista defende a organização social por meio da educação, a única capaz de “transformar semelhante estado de coisas” (Bakhtin, 2003, pp. XX-XXI).

Liberdade é outro tema ceciliano que se destaca em suas crônicas e está diretamente ligado ao assunto infância, ao grande tema que atravessa outras crônicas: educação para uma formação cidadã, uma organização social democrática. Em “Libertação”, de 13 de março de 1932, Cecília Meireles expõe que o ser humano está todos os dias renovando, refazendo, na criatura que foi na véspera, a criatura que será amanhã, mas que, embora isso seja fato, é necessário que as criaturas estejam em condições de aceitar tais mudanças, de se adaptar ao que está por vir, porque o poder de libertação é uma exigência da vida, e não um castigo para o ser humano. A dificuldade de sempre ter de se pôr à prova, porém, existe.

A escritora afirma, nesse texto, que “grande parte da humanidade é constituída por humilhados, multidões inadaptáveis, sofrendo, quase sem o saberem, da inferioridade que as fez estacionar num ponto fatal e irreduzível” (Filho, 2001, p. 34). A ideia defendida pela escritora de liberdade, em outra crônica, intitulada “Equilíbrio”, de 30 de outubro de 1932, representa aquela em que o ser humano deve se desprender das “necessidades obrigatórias em que a existência se mecaniza, esquecendo-se de que é vida, ou lembrando-se disso com angústia” (Filho, 2001, p. 57), independente da origem geográfica, da vontade individual, de posições políticas, das

diferenças de classe, etnia, gênero. Para isso, segundo Cecília Meireles, “a educação pretende hoje realizar esse equilíbrio. Todas as criaturas deviam empenhar-se em ajudá-la, sabendo que trabalham no seu próprio interesse e, ao mesmo tempo, no interesse humano em geral” (Filho, 2001, p. 57).

Na crônica “Aprender”, escrita 10 em dezembro de 1932, Cecília Meireles torna a falar de liberdade quando aborda a necessidade permanente de o ser humano se renovar, direcionando-se para a busca ininterrupta de aprender. No entanto alerta que se torna importante que o indivíduo não se coloque como dono da verdade, pois isso o levaria a não se “modificar em atenção a nada nem a ninguém” (Filho, 2001, p. 63). Para a poetisa, o indivíduo que se vicia na imobilidade das ideias é aquele que não se mostra liberto para aprender. A cronista vê na criança, a que se encontra em seu estado natural, ainda não corrompida pelo adulto, a qualidade de saber ver a vida com olhos livres, sem amarras, pois vem repleta de possibilidades, impregnada de liberdade.

Sendo assim, mais uma vez, ela traz reflexões que interessam ao ser da totalidade, ao ser da alma humana, que se realiza na interação com o outro e consigo mesmo. E, dessa forma, a sua discussão se torna extensiva ao ser humano, porque se preocupa em saber como deve ser estar num ambiente universal onde a solidariedade, a humanidade não têm pátria. A conquista da liberdade pelo ser humano se encontra na forma como é educado e se educa, na capacidade que tem de perceber o seu estar no mundo não como um dado acabado, sem possibilidade de sofrer alterações, mas como acontecimento, pois tudo modifica, pulsa, oscila (Bakhtin, 2003). “Tudo, em suma, é sempre uma questão de educação” (Filho, 2001, p. 29), argumentou Cecília Meireles em “Questão de educação”, de 5 de fevereiro de 1932.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda revolução pressupõe uma transformação. (...) A educação, forma lenta das revoluções, assegura essa transformação desejada. (...) E não se pode justificar a primeira sem que se dê à segunda, além do seu sentido profundo, uma realidade forte e convincente (Filho, 2001, p. 45)

Assim afirmou Cecília Meireles em “Educação, acima de tudo”, publicada em 21 de fevereiro de 1932. Nessa passagem, fica evidente que a educação, compreendida no grande sentido, é a obra por meio da qual

todos deveriam agir, buscar de forma obstinada a solução dos problemas que envolvem o ser humano. É a educação que responde pela transformação de que o indivíduo e o coletivo precisam: a conscientização de que o ser humano está sempre evoluindo, ganhando definições novas na alternância dos sujeitos do discurso, os quais se definem correlacionando a sua posição com a do outro.

Logo estudar a importância que as crônicas cecilianas, de 1930 a 32, na Página de Educação, do jornal *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, tiveram para a consolidação dos seus princípios de cidadania e democracia, possibilitou compreender os ideais de educação que a poetisa jornalista defendeu em nome de uma irmandade, fraternidade que não fossem apenas brasileiras, mas universal. Nessa visão, já se revela como ela entendia a cidadania e a democracia: um estabelecimento de fronteira do campo de visão que conduzisse o autor e o leitor, sujeitos das relações dialógicas autênticas, à reflexão crítica sobre o seu estar no mundo, da necessidade ineliminável da presença do outro, porque ninguém se basta a si mesmo, “uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros” (Bakhtin, 2003, p. 297).

No encontro com o seu leitor, Cecília Meireles, por meio de suas crônicas de educação, estabelecia os fatos de forma direta, precisa, contextualizando desde o acontecimento mais rotineiro, a relação pais e filhos, ao mais grave, a insensibilidade com os mais humildes, principalmente com crianças, numa linguagem que variava do formal ao informal, sem perder a ternura, o lirismo próprio dos poetas. Houve momento em que, para não se deixar levar pelos sentimentos pessimistas, no que se referia às questões do dia, ela apelava para discutir a relação entre a ação de criar e a do educador, relacionando arte à educação. Para a cronista, a obra de arte representava um milagre na vida do ser humano, diante da qual o indivíduo mais hostil se convertia, se sensibilizava, pois o êxtase provocado pela ação de criar o conduzia a uma mudança, paralisava as energias bárbaras, aproximando-o de outras criaturas.

Dessa forma, a ação do educador, segundo Cecília Meireles, assemelha-se a do criador, a de um poeta: se sensibiliza e sensibiliza o outro, (se) conscientizando, pois se encontra em um mesmo plano, o de educar e o de ser educado, interpretando a realidade, compreendendo os seus direitos e deveres, pela via do diálogo inconclusível, o único que permite reconquistar, recobrar a liberdade humana (Bakhtin, 2003).

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Bakhtin, M. (2002a). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2002b). Problemas da Poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Filho, L. A. A. (2001). *Cecília Meireles: Crônicas de Educação, 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lamego, V. (1996). *A farpa na lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record.
- Lôbo, Y. (2001). O Ofício de Ensinar. In M. S. Neves; Y. L. Lôbo & A. C. V. Mignot (Orgs.), *Cecília Meireles: A Poética da Educação* (p. 64). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Loyola.
- Moisés, M. (1978). *A criação literária: prosa*. São Paulo: Cultrix.
- Neves, M. S (2001). Paisagens secretas: memórias da infância. In M. S. Neves; Y. L. Lôbo & A. C. V. Mignot (Eds.), *Cecília Meireles: A Poética da Educação* (pp. 23-39). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/ Loyola.

## Citação:

Silva, R. P. P. & Carvalho, C. R. de (2017). Cecília Meireles: a poetisa-jornalista na defesa e prática de uma educação para a cidadania. In S. Pereira & M. Pinto (Eds.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 4.º Congresso* (pp. 520-531). Braga: CECS.